

## FILOSOFIA, EDUCAÇÃO E RELIGIÃO: CONEXÕES A PARTIR DO SANTO

DAIME<sup>1</sup>

Maria Betânia Barbosa Albuquerque<sup>2</sup>

### RESUMO

Trata-se o presente artigo de uma reflexão acerca das possíveis conexões entre filosofia, educação e religião tendo como referência a religião amazônica do Santo Daime. A religiosidade daimista, centrada no culto a uma bebida de nome Ayahuasca ou Daime, é interpretada como uma agência educativa cujos saberes fornecem a lógica que direciona o modo de pensar e viver das pessoas que dela comungam. Tem como objetivos identificar os elementos que caracterizam sua pedagogia, mais especificamente, os saberes e valores ensinados, os métodos de transmissão e o papel do professor, com vistas a evidenciar que a educação pode ocorrer sob diferentes roupagens, para além dos saberes formais e escolares. O artigo é uma síntese resultante de uma investigação de caráter documental e bibliográfico centrada, sobretudo, nos hinos que conformam o “Evangelho” daimista, bem como na literatura pertinente a esta religião, além de referências relacionadas ao campo da educação.

**Palavras Chaves:** Santo Daime; educação; filosofia; religião; valores

### Introdução

Santo Daime é uma doutrina religiosa, surgida no interior da floresta amazônica, no início do século XX, cuja principal característica é a ingestão de uma bebida psicoativa de nome *Ayahuasca* ou *Daime*, utilizada com propósitos de cura e auto-conhecimento.

O consumo de substâncias psicoativas, isto é, substâncias que provocam a expansão da consciência, é bastante antigo na história da humanidade. No Brasil, mais especificamente na Amazônia colonial, uma série de documentos evidencia que essa prática entre os indígenas era um fato de extrema importância na estruturação da vida cotidiana. A sua originalidade, aos olhos etnocêntricos do colonizador, despertou uma reação adversa e punitiva posto que, em geral, contradiziam a boa moral cristã.

---

<sup>1</sup> Texto originalmente publicado nos *Anais* do 18º Encontro de Pesquisa Educacional do Norte e Nordeste realizado entre 01 a 04/07/07, Maceió-AL.

<sup>2</sup> Doutora em Educação: História, política, sociedade pela PUC/SP. Professora do Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade do Estado do Pará (UEPA).

Contudo, a despeito das perseguições sofridas, elas sobreviveram de diversas formas, seja entre o que restou da cultura indígena, seja entre a população não índia, ou entre grupos urbanos. Entre estes, encontra-se o uso ritual da Ayahuasca na religião do Santo Daime.

Uma característica dessa religião é estar estruturada sob a forma de uma *escola*, com uma proposta pedagógica própria, um conteúdo de ensino, um método, uma visão do conhecimento e formas de disciplinamento. Neste artigo, enfatizo *a religião do Santo Daime como uma agência educativa*, com o objetivo de identificar os elementos que caracterizam sua pedagogia, mais especificamente, os saberes ensinados, os métodos de transmissão e o papel do professor. À medida que procuro refletir acerca dos valores e da filosofia da educação que perpassa a religião do Santo Daime, este ensaio enseja, também, uma provocação ao campo filosófico e ao cânon dominante, demasiado fixo nas estruturas ocidentalizantes do pensamento.

Teoricamente, ainda que este estudo se insira no campo da educação, a sua escrita não contou com grandes contribuições desse campo. Um dos motivos reside no fato de que a relação entre religião e educação parece não lograr um espaço significativo entre as pesquisas educacionais. Em geral, quando a literatura pedagógica trata sobre o tema da educação, ela tende a se voltar quase que exclusivamente para o âmbito da instituição educativa mais privilegiada na sociedade, qual seja, a escola. Foi visando ultrapassar essa perspectiva que este estudo foi elaborado, na tentativa de evidenciar que a educação pode ocorrer em diferentes instâncias da vida e pode se configurar sob diferentes roupagens. Trata-se o presente artigo, de uma síntese resultante de uma investigação de caráter documental e bibliográfico centrada, sobretudo, no conjunto de hinos que conformam o “Evangelho” daimista, bem como na literatura pertinente a esta religião, além de referências relacionadas ao campo da educação.

### **Santo Daime: origens e fundamentos**

Santo Daime é uma religião híbrida, fundada pelo negro e maranhense Raimundo Irineu Serra que nos idos de 1912 integrou o movimento migratório de nordestinos que buscavam ganhar a vida por meio da extração do látex na Amazônia. Segundo MacRae (1992), nos anos que passou trabalhando na floresta, Irineu Serra aprofundou seu conhecimento acerca cultura cabocla local, tendo conhecido o uso da

bebida Ayahuasca na região de Cobija, na Bolívia. De seu encontro com a Ayahuasca, criou a religião do Santo Daime, operando uma ressignificação do uso da bebida a partir de uma constelação de elementos que a ela passaram a se incorporar.

Irineu Serra foi desenvolvendo a doutrina a partir de instruções espirituais recebidas durante suas experiências com o Daime e, em 1945, fundou o Centro de Iluminação Cristã Luz Universal - CICLU, conhecido também como Alto Santo. Após sua morte, em 1971, desentendimentos internos à irmandade induziram à formação de um outro grupo liderado pelo seringueiro Sebastião Mota de Melo, que fundou no ano de 1975, o Centro Eclético da Fluente Luz Universal Raimundo Irineu Serra – CEFLURIS, com sede na localidade conhecida como Vila Ecológica Céu do Mapiá, AM e para onde se volta este estudo (MORTIMER, 2000).

Dentre os fundamentos essenciais da religião está, segundo Alverga (1998, p. 20), o “resgate crístico pela via enteógena”, ou seja, **a busca espiritual por meio da utilização das plantas sagradas**, neste caso, pela ingestão do Daime. O uso ritual dessa bebida configura-se, portanto, como um “método de aprendizagem espiritual” (ALVERGA, 1998, p. 20) que possibilita ao sujeito a experimentação de um estado de profunda expansão da consciência, no qual, segundo Ralph Metzner (2002, p. 22):

o individuo obtém uma visão terapêutica de suas neuroses, dos seus padrões de comportamentos e da dinâmica emocional dos seus vícios, além de questionar seus próprios conceitos e entendimentos da realidade, tornando-se capaz de transcendê-los nos seus fundamentos.

Para este autor, o processo de expansão da consciência se integra à visão dos xamãs que utilizam a Ayahuasca, “pois eles afirmam que a beberagem não só lhes dá uma idéia mais profunda de si mesmos como também uma nova e melhor maneira de viver” (METZNER, 2002, p. 23).

Uma vez que a ingestão da bebida constitui um aspecto essencial da religião, uma consequência natural é a importância que assume, para a irmandade, o plantio do cipó e da folha de que é feito o chá. Nesse sentido, **a preocupação com a floresta** também constitui-se como um fundamento, posto que é de onde provém a matéria-prima do Sacramento. A Floresta possui, também, outros significados: dela provém a origem do culto e seus traços culturais mais significativos, tendo sido o palco da experiência iniciática de Irineu Serra, o mestre fundador.

O Santo Daime traz ainda em seus pressupostos filosóficos a **afirmação da vida de acordo com a natureza**, desligada da lógica consumista do mundo urbano, por meio da adoção de um estilo auto-sustentado no interior da floresta, onde se situa a matriz do CEFLURIS. A experiência comunitária e ambiental adquirida na construção do Mapiá abriu a possibilidade de expansão de um modelo de ocupação da floresta que tem trazido melhorias significativas para a população ribeirinha da Amazônia.

Outro fundamento do Santo Daime é a sua **multiculturalidade**, na medida em que reúne outras formas de religiosidade em seu interior, tais como: a indígena, o cristianismo, influências africanas, o espiritismo e o esoterismo constituindo-se, como uma doutrina plural e hibridizada. Isto é visível na letra dos hinos, nos objetos de decoração da igreja e na inclusão de preces e orações provenientes de diversas tradições. Tal multiculturalidade remonta, portanto, à própria gênese da doutrina com suas raízes xamânicas, associada à ressignificação do consumo da Ayahuasca por Irineu Serra. Maranhense, de formação católica, dizem que ele “gostava de dar uma espiada num terreiro de umbanda” (MORTIMER, 2001, p. 118), além de ter sido filiado ao Círculo Esotérico da Comunhão do Pensamento, sediado em São Paulo.

### **Características básicas da religião: o sacramento, os hinos e a música**

O que difere, fundamentalmente, a religião do Santo Daime de outras formas de religiosidade é a ingestão de uma bebida de mesmo nome (Daime), feita a partir de um concentrado de três matérias naturais: o cipó chamado Jagube, as folhas do arbusto conhecido como Rainha e Água. O processo de *feitio* do Daime ocorre inserido em um contexto ritual em que todas as etapas são repletas de significados espirituais, com papéis de gênero bem demarcados: mulheres cuidam das folhas e homens tratam do cipó.

A doutrina do Santo Daime é essencialmente musical. Sua mensagem está contida em diversos hinos que são cantados pelos participantes e acompanhados por uma diversidade de instrumentos, com destaque para o *maracá*, de origem cultural indígena. Recebidos por meio de processo mediúnicos, os hinos têm um conteúdo bastante diversificado, tais como: a solidariedade, o perdão, a humildade, a união. Os hinos daimistas são uma das principais manifestações do pluralismo dessa doutrina

como se pode observar na letra abaixo, onde são invocadas diferentes manifestações da divindade:

Salve o sol e salve a lua/ Salve a terra e salve o mar/ Salve a linha de umbanda/ da rainha Yemanjá/ Viva o meu Juramidam/ que vive a governar/ Do princípio ate o fim / Jesus bem louvado está (Hino nº 148 de Alfredo Gregório).

### **A dimensão pedagógica do Santo Daime**

Uma característica do Santo Daime é sua vocação pedagógica voltada para a transmissão de um determinado saber. Essa característica da religião de funcionar como uma *escola* pode ser evidenciada na letra dos hinos onde, frequentemente, essa expressão aparece associada a outras como professor, ensino, aula, lição, disciplina. Uma especificidade dessa pedagogia está no fato de que as práticas do ensinar ocorrem, geralmente, em construções físicas à moda de uma igreja ou mesmo em locais ao ar livre e no qual o professor não pertence ao reino humano, como tradicionalmente costumamos pensar este sujeito, mas ao reino vegetal, sendo materializado na bebida Ayahuasca/Daime. Na religião do Santo Daime, portanto, *quem ensina é o Daime*, considerado o mestre dos mestres, tal como se observa no fragmento do hino abaixo:

O Daime é o Daime /O Professor dos Professores.../ O Daime é o Daime /O Mestre de todos ensinns (Trechos do hino nº 12 de Alfredo Gregório).

Desse modo, para um determinado número de pessoas, os saberes que conformam seus modos de vida são originários de certas plantas que possuem inteligência, as quais são comumente denominadas de *plantas mestras, professoras ou doutoras*. A religiosidade daimista, se configura, portanto, como uma experiência essencialmente pedagógica, cujos saberes fornecem a lógica que direciona o modo de pensar e viver das pessoas que dela comungam.

Pedro Luz, ao tratar do simbolismo associado a Ayahuasca entre os povos da língua Pano, Aruák e Tukano, que dela fazem uso, sintetiza alguns elementos comuns, entre os quais, destaco o aspecto pedagógico atribuído à planta na qual,

esta é pensada como sendo a **fonte do conhecimento** necessário para se viver corretamente tanto no aspecto da moral e conduta pessoal, como na forma esperada de comportamento, na relação com os outros membros da sociedade, com os ancestrais, com os seres do mundo

natural, plantas e animais, bem como com os seres sobrenaturais. É do cipó que vem o saber acerca do mundo e do outro mundo, é ele que ensina sobre a criação, os seres que nela existem e a lógica que rege seu funcionamento (LUZ, 2002, p. 61. Grifo meu).

Desse modo, se é da planta que se extrai o conhecimento para se viver corretamente, esta é de suma importância para a “reprodução cultural e harmonia dos grupos que a utilizam”, além de ser fundamental na constituição da identidade social e cultural (LUZ, 2002, p. 62). Assim, tanto no contexto cultural indígena, quanto no contexto não indígena e religioso do consumo da Ayahuasca, esta bebida traduz-se como um *meio* pelo qual o grupo social se vale para acessar os conhecimentos essenciais para se viver, além de um *mediador* significativo no processo de perpetuação dos saberes do grupo e de seus valores. Em vista disso, a dimensão pedagógica, induzida pelo consumo da Ayahuasca, não pode ser analisada objetivamente como uma análise de currículos, documentos ou livros didáticos. Ela depende, entre outros fatores, da relação (subjetiva) que o indivíduo estabelece com o transcendente, de seu estado de abertura à aprendizagem, da qualidade da bebida, do ambiente em que se processa a experiência e da condução desta segundo a ciência da doutrina.

Neste contexto, ressalto a importância que o *ambiente* assume como condição da plena experiência pedagógica. O interior do salão/escola onde se processa essa experiência é, em geral, enfeitado com um conjunto de símbolos que evocam um conjunto de significados que se quer fixar na aprendizagem. São imagens de santos e santas, padrinhos e madrinhas da doutrina que revelam a pluralidade religiosa; são velas, incensos, flores, fitas ou bandeirinhas coloridas que reportam a alegria que se deve cultivar na vida, a despeito de todas as adversidades. E são, sobretudo, *a música* e *o canto*, uma herança do xamanismo indígena, os quais, numa combinação harmoniosa possibilitam a dialética que faz ascender a outros níveis de conhecimento.

### **A metodologia da educação daimista**

A procura de conhecimento por meio da expansão da consciência é a principal característica das práticas xamânicas, também denominadas de técnicas do êxtase, sendo a Ayahuasca o veículo usado pelos xamãs para transportar o ser para os estados sutis da consciência. Na cosmologia daimista é o Daime que, através da *miração*, permite a entrada aos estados de realidade não-ordinária, entendido aqui como “outra dimensão de

existência, em que se confundem os limites de tempo e espaço, fazendo-se tudo presente” (FRÓES, 1986:94).

Segundo Fróes (1986, p. 36), “miração é um estado de transe desencadeado pelo Daime, onde a pessoa pode ter visões com intensidade de cor, vidências, estabelecer contatos telepáticos com pessoas distantes permitindo uma relação mais sensorial com o ambiente”. O estado expandido da consciência constitui-se, portanto, como *estado pedagógico por excelência* no qual as pessoas têm acesso aos conhecimentos. Assim, sob a *miração*, muitas aprendizagens se efetivam. Lucio Mortimer (2000, p.80) relata, por exemplo, que certo dia, Sebastião Mota estava em uma sessão do Santo Daime quando “começou a ver letras e uma voz dando explicações de como ajuntá-las formando sílabas e finalmente as palavras. Com grande surpresa e satisfação aprendeu o mecanismo da leitura em um trabalho de Daime, numa miração”.

### **O conteúdo da educação daimista**

Uma caracterização do conteúdo da educação daimista foi possível a partir dos seus cadernos de hinos. Vale lembrar que na escola fundada por Irineu Serra, o *conteúdo* é transmitido por meio da tradição oral sob a forma estética do canto, trovas poéticas com melodia simples e repetitivas com vistas a concentração e assimilação das lições. Os hinos possuem um conteúdo bastante diversificado. Eles louvam as diferentes manifestações da natureza (o sol, a lua, a terra, o vento, o mar, etc.); contam a história da doutrina; invocam santos e entidades espirituais (Jesus, Maria, Yemanjá...), numa clara reunificação do sagrado com o natural. Cabe ressaltar a visão de *conhecimento* que atravessa o conteúdo dessa educação. De acordo com Sebastião Mota, o conhecimento espiritual, o auto-conhecimento, tem mais valor que o conhecimento dos homens, pois afinal, “que adianta saber ler e não ter o conhecimento do Espírito da Verdade?” (Apud ALVERGA, 1998, p. 56). Em sua visão de mundo, Sebastião Mota demonstra grande desconfiança quanto as “histórias escritas pelos homens” orgulhando-se, inclusive, do fato de não saber ler:

A história que foi escrita pelos homens, eu não acredito muito, porque dizem de um jeito e é de outro e o que vale mesmo é o conhecimento espiritual (Apud ALVERGA, 1998, p. 105).

Eu não conto história de livro porque, graças a Deus, eu não sei ler. Só conto história da minha vida, do que eu aprendi dentro da espiritualidade (Apud ALVERGA, 1998, p. 104-105).

Eu sei porque sei, não porque li (Apud ALVERGA, 1998, p. 56).

Não se trata, contudo, de uma apologia do analfabetismo, mas tão somente do reconhecimento de que, mais importante que o conhecimento dos livros é o conhecimento espiritual transmitido sob a luz do Daime. Além disso, segundo ele, “quem vê acredita muito mais rápido” (Apud ALVERGA, 1998, p. 201), do que quem apenas lê. Nessa perspectiva, ao invés de uma racionalidade que valoriza o saber dos livros, a escrita e a palavra, a *epistemologia daimista* constrói uma lógica cujo verdadeiro livro se corporifica na natureza e seus mistérios. No grande livro da natureza, reside, portanto, o cerne da educação.

### **Santo Daime: filosofia, educação e valores**

O Santo Daime possui uma pedagogia assentada sobre uma *filosofia* que concebe como conhecimento verdadeiro aquele proveniente a partir do êxtase espiritual, ocasionado pela ingestão do Daime, consagrado como a fonte por excelência do saber. Ao estudar a Ayahuasca junto aos índios Pano, Aruák e Tukano, Pedro Luz (2002, p. 61) ressalta o fato de que para eles há um “*status* de absoluta verdade atribuído às visões causadas pela planta”. Diz o autor que não apenas as visões são consideradas verdadeiras mais que são “*a verdade*.”

Se o mundo no cotidiano tem um aspecto, este é transitório e ilusório; a verdadeira aparência da realidade é aquela que é percebida sob o efeito da Banisteriopsis caapi pelo espírito. É a planta que revela as coisas como elas realmente são, sua essência (LUZ, 2002, p. 61).

A semelhança com a teoria platônica dos dois mundos (inteligível e sensível) é inevitável. Contudo, se em Platão esses mundos são dicotômicos, as filosofias indígenas, ao contrário, enfatizam o fato de que:

o mundo humano se prolonga no mundo dos animais e outros seres que chamamos de naturais – sendo então todos, humanos e animais, equivalentes entre si, mas associados a diferentes perspectivas, vinculadas a corpos distintos, a diferentes roupas ou hábitos (ALMEIDA, 2002, p. 15)



Tal concepção está intimamente relacionada a uma filosofia da natureza segundo a qual “existem diferentes espíritos encarnados nas pessoas, nos animais e nas plantas, alguns ligados ao corpo e outros separáveis dele” (ALMEIDA, 2002, p. 14). A Ayahuasca seria, então, uma das tecnologias utilizadas para se transitar entre essas diferentes realidades ou corpos.

De acordo com Lagrou (Apud LUZ, 2002, p. 36) o conceito de natureza para os Kaxinawá se aproxima da noção grega de *phusis* segundo a qual “a natureza possui alma, vontade e uma ordem própria, sendo a cultura apenas umas das possibilidades dessa ordem”. O *yuxin* (espírito) não é entendido como relativo ao mundo sobrenatural, mas “como uma força vital permeando todo fenômeno vivo em qualquer parte do mundo. Desse modo, a natureza não está fora do humano”, ao mesmo tempo em que o humano está dentro da natureza (LUZ, 2002, p. 36). A relação entre homem e natureza não é, portanto, mecânica, mas orgânica, estando a divindade presente em tudo.

O estado expandido da consciência, induzido pelo consumo do *nixipae* (a Ayahuasca entre os Kaxinawá), para além do estado ordinário da consciência - em que é percebida apenas a visão dos corpos em sua materialidade – permite o conhecimento dos “*yuxin*, o espírito, que habitam plantas e animais e reconhecendo estes como *huni kuin*, gente nossa” (LUZ, 2002, p. 36). Em vista disso, complementa o autor, “o consumo do *nixipae* possibilita a percepção da igualdade entre os seres, vendo como humanos (iguais) os seres encantados” (LUZ, 2002, p. 36).

Tal visão de mundo instaura uma *filosofia ayahuasqueira* que traz conseqüências fundamentais para a dissolução das clássicas oposições entre natureza e cultura, entre corpo e espírito. Se o espírito permeia todo corpo vivo, isto alarga sobremaneira a perspectiva da alteridade, em geral circunscrita ao mundo humano, passando a incluir todos os seres nas suas mais diferentes formas de manifestação. O respeito à diversidade é parte constitutiva da filosofia educacional do Santo Daime. No hinário “O Cruzeiro”, de Irineu Serra, no hino nº 64, lê-se o seguinte trecho no qual o respeito ao outro é a tônica principal:

O sol que veio à terra  
Para todos iluminar  
Não tem bonito e nem feio  
Ele ilumina todos iguais

A comunhão entre homem e natureza faz alusão, segundo Goulart (2006, p. 18) ao repertório do curandeirismo amazônico e as “relações que a sociedade amazônica mantém com o meio natural”. O universo amazônida “povoado de santos e de bichos visagentos” (MACRAE, 1992, p.39), pode ser assim resumido:

Cada espécie animal tem sua “mãe”, entidade protetora capaz de castigar, roubando a sombra de caçadores que matam animais em demasia ou de uma só espécie, por exemplo. Também têm “mães” os peixes, certos rios, igarapés, poços e até os portos onde atracam as canoas (MACRAE, 1992, p. 38).

O retorno a cosmovisão indígena que reconhece as essências espirituais inerentes à natureza, tem sido ressaltado como um fator significativo no processo de religação entre o sagrado e o natural, perdida nos tempos modernos a partir da consolidação da ciência e seu paradigma mecanicista. Na construção de um novo paradigma assentado em outra lógica, Santos (2002, p. 83) tem insistido na necessidade de superação das práticas colonialistas que se evidenciam na sua “incapacidade de estabelecer relação com o outro a não ser transformando-o em objeto”.

Desse modo, o ressurgimento contemporâneo das práticas culturais xamânicas com suas “plantas professoras” e a reverência para com a Terra e todas as suas criaturas, humanas ou não, não apenas pode ser entendido como uma resposta mundial à enorme degradação que vem ocorrendo na biosfera, como também auxilia na superação dos abismos estabelecidos pelo paradigma moderno configurado na clássica distinção entre sujeito e objeto, natureza e cultura.

Nesse sentido, a filosofia do Santo Daime, inviabiliza a clássica distinção entre ser humano e natureza em que esta é tão-somente “mecanismo cujos elementos se podem desmontar e depois relacionar sob a forma de leis; [Ela] não tem qualquer dignidade ou qualidade que nos impeça de desvendar seus mistérios” (SANTOS, 2002, p. 62). O próprio fato de constituir-se como uma religião híbrida formada a partir da simbiose de diversas tradições (indígenas, africanas, espíritas, esotéricas e cristãs), faz do Santo Daime uma escola multicultural. Assim, um número significativo de hinos afirma o valor do múltiplo e do plural expressando uma pedagogia que valoriza tanto a espécie humana quanto a natureza e a floresta com sua diversidade de formas.

Da floresta eu recebo  
Força para trabalhar  
Da floresta eu tenho tudo  
Tudo, tudo Deus me dá

(Hino nº 14 de Alfredo Gregório).

Trata-se, portanto, de uma pedagogia assentada numa prática que hibridiza elementos de diferentes tradições religiosas cuja síntese cultural parece fundamental diante da prática da intolerância e do fundamentalismo marcante nos dias de hoje. Atualmente, tem-se observado uma expansão significativa no consumo da Ayahuasca no Brasil e em diversos países. Interessante notar que nesse caldeirão cultural, mediado pelo consumo da Ayahuasca, a população estrangeira precisa aprender a língua portuguesa para poder cantar os hinos do Santo Daime. Nessa perspectiva, pode-se considerar o Santo Daime como um mediador cultural significativo posto que opera uma síntese entre os diversos povos e culturas do planeta. Em vista das fronteiras que dissolve e das redes que estabelece entre culturas diversas é que se pode afirmar a multiculturalidade como uma marca fundamental da educação que se processa na religião do Santo Daime.

### **Considerações Finais**

Ao refletir acerca da temática das plantas professoras, minha intenção foi mostrar como, historicamente, muitas culturas têm-nas como centrais em suas vidas, bem como destacar, entre elas, aquela que tem sido considerada como uma planta mestra por excelência (a Ayahuasca). A religião do Santo Daime foi considerada como a tradução de uma prática cultural muito antiga, de origem xamânica, a qual foi se entrelaçando a diferentes saberes e tradições.

O Santo Daime foi compreendido como uma escola espiritual em que, sob estado expandido da consciência, determinadas pessoas buscam os conhecimentos considerados essenciais para suas vidas. Assim, trajando uniforme escolar (farda) e de posse de seus cadernos de hinos, os alunos dirigem-se à escola do Santo Daime, para, sob o efeito da bebida, aprenderem as lições transmitidas oralmente sob a forma estética do canto e de uma diversidade de instrumentos musicais. Procurei destacar dentre o conteúdo dessas lições um valor que lhe é essencial, a sua multiculturalidade e respeito à diversidade de formas de vida.

Ao enfatizar a dimensão pedagógica do Santo Daime quis exemplificar que os processos de socialização ocorrem em diferentes espaços, para além dos muros da escola na sua versão institucionalizada, ampliando, com isso, uma visão corrente de

educação que constantemente a associa a escolarização formal, ao saber sistematizado e aos professores enquanto espécie humana. Quis evidenciar que para vários grupos e culturas, talvez muito mais significativo que o saber escolar são os saberes que provém da sabedoria ancestral de plantas ou animais os quais, como afirmou Patrick Druot (2006), bem poderiam ser considerados os primeiros professores da humanidade. Do mesmo modo, ao me referir à sabedoria de um seringueiro como filosofia e à filosofia da educação que conforma a pedagogia daimista, quis instaurar uma provocação ao campo filosófico-educacional, extremamente preso ao pensamento dos clássicos filósofos da cultura ocidental. Trata-se, na realidade, da necessidade de ampliação da razão, isto é, da construção de uma “razão berta” (MORIN, 2005), a fim de incluir as formas do saber cotidiano, com suas miríades de gestos, cores, etnias e simbologias, nem sempre inteiramente “razoáveis” no contexto de uma razão “fechada” (MORIN, 2005, p. 166).

Em tese, toda religião funciona como uma escola, isto é, toda religião tem uma tarefa essencialmente pedagógica e visa a transmissão de determinados conhecimentos. Mas, se isto é mesmo verdade, somente as religiões ayahuasqueiras têm como professor uma planta, ou melhor, uma bebida. As plantas são vistas como tecnologias da natureza que o homem pode dispor, dentro de determinadas condições, como uma forma de “atalho” mais direto aos conhecimentos de que necessita para a vida. Essa modalidade de *educação pelas plantas* permite concluir que o conhecimento delas provenientes, não é possível de ser acessado a partir dos livros ou da razão instrumental, mas apenas sob o estado de êxtase. Como dimensão do conhecimento, o êxtase tem uma epistemologia própria, arraigada na lógica da tradição xamânica, e corporificada em um conjunto de saberes e práticas que ocorrem numa zona que transcende os domínios do pensamento lógico e linear. Tal epistemologia não é, por isso, redutível aos padrões de cientificidade orientados pela objetividade e neutralidade da ciência moderna.

A epistemologia ayahuasqueira, ao relativizar o mito da separação entre sujeito e objeto no universo da pesquisa científica, inverte a lógica dominante que consagra a filosofia como um saber centrado numa racionalidade que reconhece como saberes apenas os que são adquiridos na escola, nos livros e em torno dos cânones dominantes. Ao mesmo tempo, conclama como legítimo, os saberes que se inscrevem sob o contexto de outras racionalidades, como os que se originam a partir da experiência com as plantas professoras. Trata-se, portanto, de uma ampliação da noção de filosofia a partir

da incorporação dos saberes do cotidiano, evidenciando que, longe do que comumente se pensa, eles possuem uma racionalidade própria, passível de ser compreendida uma vez que sejam abandonados os preconceitos e etnocentrismos com que costumam ser interpretados.

Naturalmente, um longo caminho precisa ainda ser trilhado no sentido de superar a incompreensão dessas experiências pelo pensamento científico moderno que, por muito tempo, tendeu a interpretá-las como patologias ou alucinações. Na perspectiva do paradigma newtoniano/cartesiano qualquer aprendizado obtido a partir dos sonhos, êxtase místicos ou da intuição subjetiva está circunscrito ao âmbito da não-realidade, ficando, portanto, à margem do *status* de cientificidade. Por isso, a constatação da existência de mundos múltiplos ou de múltiplas realidades, para além do estado ordinário da consciência, constitui um enorme desafio à ciência moderna limitada a realidade objetiva dos fatos.

As fontes consultadas sobre essa religião são unânimes ao afirmar uma interconexão entre a espiritualidade, os valores da vida e da consciência; a transformação das percepções e das atitudes práticas em relação ao planeta Terra e suas diferentes modalidades de vida. Uma compreensão orgânica da relação entre homem e natureza segundo a qual Deus está em tudo, jamais podendo existir em contraposição ao mundo, todo ele permeado por entidades espirituais. Nesse sentido, o respeito a essas experiências se coloca como um imperativo, não apenas pela defesa da tolerância para com as diversas formas de manifestação da vida religiosa, como é o caso do Santo Daime, mais também, pelo direito que cada ser humano tem de procurar, do seu jeito, os caminhos para as aprendizagens que julga significativas para si.

## Referências

ALMEIDA, M. A ayahuasca e seus usos. In: LABATE, Beatriz C. e ARAUJO, W. S. (Orgs.). **O uso ritual da ayahuasca**. Campinas: Mercado das Letras; São Paulo: Fapesp, 2002. pp.13-17.

ALVERGA, Alex Polari de. **O Evangelho segundo Sebastião Mota**. Boca do Acre/AM: Cefluris Editorial, 1998.

DRUOT, Patrick. Luz no horizonte. **Revista Isto É**, nº 1571, 10 de nov. 1999. Disponível em <<http://www.terra.com.br/istoé>>. Acesso em 20 jan, 2006.

FRÓES, Vera. **História do povo Juramidam**: introdução à cultura do Santo Daime. Manaus: SUFRAMA, 1986.

GOULART, Sandra Lúcia. **A história do encontro do Mestre Irineu com a ayahuasca**: mitos fundadores da religião do Santo Daime. Dissertação de mestrado, capítulo 04. São Paulo, 1996. Disponível em <<http://www.neip.info/textos.html>>. Acesso em 20 jan. 2006.

LUZ, Pedro. O uso ameríndio do caapi. In: LABATE, Beatriz C. e ARAUJO, W. S. (Orgs.). **O uso ritual da ayahuasca**. Campinas: Mercado das Letras; São Paulo: Fapesp, 2002. pp. 35-65.

MACRAE, Edward. **Guiado pela Lua**: xamanismo e uso ritual da ayahuasca no culto do Santo Daime. São Paulo: Editora Brasiliense, 1992.

METZNER, Ralf (Org.). **Ayahuasca**: alucinógenos, consciência e o espírito da natureza. Tradução Marcia Frazão. Rio de Janeiro: Gryphus, 2002.

MORIN, Edgar. **Ciência com Consciência**. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 9ª ed. 1995.

MORTIMER, Lúcio. **Bença Padrinho**. São Paulo: Edição Céu de Maria, 2000.

\_\_\_\_\_. **Nosso Senhor Aparecido na Floresta**. São Paulo: Edição Céu de Maria, 2001.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Para um novo senso comum**: a ciência, o direito e a política na transição paradigmática. São Paulo: Cortez, 2002.

#### Hinários oficiais do CEFLURIS

MELO, Alfredo Gregório de. **Hinários O Cruzeiro & Nova Era**. Edição especial para o ano 2000. São Paulo: Céu de Maria. 2000.

SERRA, Mestre Raimundo Irineu. **Hinário O Cruzeiro**. Edição e impressão 2004. Ribeirão Preto/SP: Gráfica Rainha do Céu. 2004.